

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

AS DIVERSAS FORMAS DE CONJUGALIDADE NA ETERNA BUSCA DA FELICIDADE

SILVANA NEGRO BARBOZA

Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP na área de Família e Comunidade. Psicóloga Clínica e Consteladora Familiar. Pesquisadora de relacionamentos permanentes e insatisfatórios causados por questões transgeracionais. Email: silvanabarboza@terra.com.br.

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar que o homem contemporâneo ainda continua na eterna busca da felicidade principalmente através da conjugalidade. Apesar das mudanças e dos novos arranjos conjugais, familiares, a busca continua a mesma pelos mesmos motivos. Surgiu o individualismo como algo saudável, mas que muitas vezes acaba afetando a conjugalidade pela dificuldade de administrar as expectativas e necessidades de cada um, até que consigam perceber a complementariedade da relação.

Palavras-chave: felicidade, conjugalidade, casamento

THE SEVERAL WAYS OF CONJUGALITY ON ETERNAL SEARCH FOR HAPPINESS

Abstract: This article aims to show that modern man is still in search of eternal happiness primarily through conjugality. Despite the changes and new arrangements of marriage, family, the quest remains the same for the same reasons. Individualism has emerged as something healthy, but it often ends up affecting the marital difficulty of managing the expectations and needs of each one, until they can see the complementarity of the relationship.

Keywords: happiness, conjugality, marriage.

A felicidade

A maior ambição do ser humano sempre foi a felicidade (COSTA, 2006).

Numa perspectiva mais contemporânea, Seligman (2004) define felicidade como um sentimento resultante do prazer, do engajamento e do significado positivo dado às coisas.

Assim, a pergunta que todas as pessoas se fazem é: O que devo fazer para ser feliz? O que é felicidade? Como pode ser definida? Será pessoal o conceito de felicidade? Cada pessoa tem sua felicidade própria? Será a felicidade uma sensação de contentamento, de alegria?



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

As questões sobre a felicidade acompanham o homem em sua trajetória, não sendo diferente para o homem contemporâneo que igualmente demonstra ter preocupações a este respeito.

Freud, em sua obra, *O mal estar na civilização* (1929/1989), questiona o que os homens querem da vida, para em seguida responder que eles se esforçam para obter a felicidade, ser feliz e assim permanecer. No entanto, ainda segundo este autor só é possível identificar uma vida prazerosa experimentando o desprazer.

Na sociedade contemporânea ser feliz tornou-se uma obrigação. Fazemos de tudo para sermos felizes e buscamos a felicidade em todos os lugares e de todas as formas.

A infelicidade não é somente infelicidade, é pior ainda, é o fracasso da felicidade e por isso nos sentimos tão envergonhados quando não estamos felizes (Bruckner, 2002).

A conjugalidade

O termo conjugalidade inclui, além de pessoas civil ou religiosamente casadas, as novas formas de relacionamento existentes na atualidade, muitas delas ainda sem um nome específico (ABREU, 2005).

Segundo Platão, no início possuíamos os dois sexos, mas, para diminuir a onipotência que esta completude conferia aos homens, Zeus os partiu em dois e desde então os humanos procuram encontrar no outro sua parte separada.

Casamos, para encontrar essa outra parte, mas logo brigamos porque o(a) companheiro(a) deseja manter sua individualidade e não aceita ser a parte nossa que falta. Essa decepção é recíproca, por isso, é tão comum marido e mulher reclamarem um do outro.

O processo de transformação social está acelerado e têm surgido novos arranjos matrimoniais que fazem parte de um contexto social em reorganização, principalmente se



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

levamos em conta que a família não é um fato natural, mas sim uma construção cultural (NICOLACI-DA-COSTA, 2002).

O casal contemporâneo depara-se com uma série de possibilidades de viver sua conjugalidade, sendo que muitas vezes em nada se assemelham ao que costumamos chamar de casamento tradicional.

A importância dada hoje ao amor, à individualidade, à independência emocional e econômica, à maternidade e paternidade, mas também ao prazer sexual, fazem com que as relações conjugais sejam mais cobradas, e em função dessa mudança de valores, onde antes havia a repressão do desejo, hoje há uma facilidade em revelar seus desejos e os preconceitos antes ditos, hoje ficam escondidos.

Hoje existem novos modelos, como os casais que decidem viver junto sem legalizar a união; casais que vivem em diferentes locais; homens ou mulheres que preferem ter filhos e permanecer solteiros; casais homossexuais com filhos através da adoção ou da inseminação artificial, entre outros possíveis arranjos (DIHEL, 2002).

Na contemporaneidade, as relações conjugais são constituídas em torno da construção de identidades dos cônjuges. O compromisso de cada um na relação é o seu desenvolvimento individual e a relação permanece enquanto for prazeroso e útil para cada um (FERES-CARNEIRO, 2001).

As pessoas buscam relações sem deixar de lado o individualismo, e esse reconhecimento das potencialidades individuais não é necessariamente uma ameaça à relação, mas é imprescindível ter uma comunicação aberta e livre entre os membros, que gere intimidade suficiente para uma interação conjugal.

Para ser possível tal intimidade é necessário que haja igualdade entre os parceiros e uma comunicação emocional de cada um consigo mesmo e com o outro. Essas tensões existentes entre a individualidade e a conjugalidade sempre houveram, mas aumentaram muito nos casamentos contemporâneos e podem tornar mais frágil essa relação.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Antes a mulher deixava sua família de origem e passava a fazer parte da família do marido, tornando-se assim destituída de uma identidade própria e passando a ter uma nova identidade ligada ao cônjuge.

Mas a maior independência e individualidade econômica e emocional da mulher nos últimos anos, modificou significativamente esse quadro, e o casamento passou a ser verdadeiramente um relacionamento amoroso de conotação sexual, ao invés de dependência econômica e afetiva (COSTA, 2006).

Essa mudança é responsável pelo engano que se comete de acreditar que os casamentos de agora são piores do que os do passado, eles apenas são diferentes, porque as pessoas são diferentes e os costumes também.

Houve mudanças nos relacionamentos conjugais que passaram a exigir mais, principalmente por parte das mulheres que não aceitam mais abrir mão de suas vidas em uma relação que se tornou sem prazer ou sem afetividade. Elas agora buscam seu lugar no relacionamento em vez de aceitar passivamente o lugar que cultural e socialmente lhes era destinado.

A submissão escondia o sofrimento dos cônjuges, dando a impressão de que as relações eram mais consistentes, quando na verdade o que existia era uma passividade e conformismo.

Na prática observa-se que certo nível de tensão é necessário entre os cônjuges para evitar o tédio que também é um fator de conflito conjugal. Embora o casamento envolva compromissos, provações e renúncias, também deve ser fonte de prazer, divertimento e felicidade.

Essa tensão ocorre porque o casamento reúne duas pessoas com experiências e valores diferentes, necessidades e expectativas que, na maioria das vezes, não serão totalmente atendidas. O conflito quase diário em um relacionamento conjugal é considerado



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

inerente ao casamento. Quando esses conflitos ficam difíceis de serem administrados, cria-se a crise do casamento.

Mas a crise conjugal nem sempre é suficiente para levar a uma dissolução dos casamentos que, muitas vezes, duram vários anos e até mesmo por toda a vida de um casal, apesar dos conflitos vividos diariamente, mesmo com o afastamento do casamento e da religiosidade e dessa desvinculação que permitiu que as separações fossem feitas sem culpa, sem o estigma de um grave pecado, que os tornaria infelizes para toda a vida e incapazes de ingressar no reino dos céus. Além disso, as gerações atuais já nasceram e cresceram dentro de casas com pais ou outros parentes próximos divorciados o que facilita a sua decisão e o apoio de familiares.

No processo de separação, a identidade conjugal construída durante o casamento vai se desfazendo. A conjugalidade é desconstruída e simultaneamente vai se reconstruindo a identidade individual em um processo lento e difícil. A vivência de uma maior liberdade se mistura com o sentimento de solidão, tornando os primeiros tempos após a separação, particularmente, difíceis para homens e mulheres (FERES-CARNEIRO, 2003).

Nessa reconstrução da identidade individual muitas vezes as mulheres mostram dificuldades e acabam permanecendo ligadas à família do ex-marido, morando na mesma casa e inclusive utilizando o mesmo sobrenome pertencente a ele, mas que para ela, serve como uma referência de reconhecimento e identidade.

Considerações Finais

Sob o ponto de vista psicológico, Elkaim (1990) explica que vivemos em um mundo ambíguo, meio real e meio fictício, e nem sempre vivemos com pessoas com quem gostaríamos, mas sempre buscando encontra-las para ser feliz.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Nossas vidas se cruzam com pessoas que nos fazem sofrer e com muitas delas estamos em um processo transferencial. Vivemos com essas pessoas relações complementares, funções e expectativas expressas por motivações ou regras familiares, que muitas vezes são mais tácitas que explícitas.

Por um enfoque religioso, Moreno (1994) aborda o mito da destinação e da religião que nos traz o mito do Pai Celeste que decide onde deveremos ser colocados, em qual planeta, país e família. Ainda para ele nossa existência não é fruto de fator genético-social e sim da escolha mais adequada para nós.

Sob o ponto de vista sócio-cultural, observa-se que há 30, 40 anos atrás considerava-se ainda que o casamento não era uma escolha, e sim a única opção da vida adulta.

Segundo Moraes (1999), talvez essa ausência de possibilidade de escolha justifique a busca da felicidade na conjugalidade, uma vez que se buscava a felicidade a qualquer preço e havia a necessidade de casar, porque não juntar os dois.

O amor traria às pessoas sentido para si mesmas, particularmente as que se veem como insignificantes obteriam em uma relação amorosa o senso de importância que lhes falta.

As realizações obtidas em outros domínios de nossa vida não suprem carências, mas a presença do amor facilita outras realizações na vida e esse amor pode ser expresso através da conjugalidade com a busca do par perfeito, mas não só através dela.

Apesar das mudanças ocorridas, o casamento continua sendo um dos sonhos que o ser humano mais ambiciona realizar e onde acha que vai encontrar a felicidade, mesmo após o fracasso de uma ou mais experiências. A relação conjugal faz parte do processo de desenvolvimento do indivíduo, que necessita de um parceiro para complementá-la (JABLONSKI, 2003).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Hoje o casamento já não é mais encarado como algo indispensável e duradouro, muito menos seguro e garantidor da felicidade, muito embora qualificado como arquetípico, o encontro amoroso é tratado como inerente à natureza humana, possibilitando superar a angústia da finitude, numa vivência de eternidade, transcendendo o tempo e o espaço.

Uma das características de um relacionamento feliz é quando os cônjuges conseguem compartilhar atividades e interesses comuns mantendo interesses particulares e a partir daí conclui-se, para que uma relação seja feliz é necessário que os parceiros compartilhem seu tempo, afeto, interesses, mantenham sua individualidade, aceitem suas histórias e segredos.

Não importa qual seja esse arranjo e que tipo de conjugalidade exista, um sempre precisa enxergar no outro o seu complemento para não depositar na relação a responsabilidade total de felicidade e o resultado é que essa relação permanece vital e viva e haverá sempre novas possibilidades emergindo.

Referências Bibliográficas

ABREU, A.K. **O casamento em cena**: representações da conjugalidade em duas peças de teatro. 2005. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2005.

BRUCKNER, P. **A euforia perpétua – ensaios sobre o dever de felicidade**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

COSTA, G. P. **Conflitos da vida real**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIHEL, A. O homem e a nova mulher: novos padrões de conjugalidade. In: WAGNER, A. (org.). **Família em cena**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 51-68.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

ELKAIM, M. **Se você me ama, não me ame. Abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal.** Campinas: Papirus, 1990.

FERES-CARNEIRO, Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Casamento e família: do social a clínica.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001, p. 67-80.

_____. Separação: o doloroso processo de dissolução conjugal. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n.3, p. 367-374, 2003.

FREUD, S. (1929). O mal estar na civilização. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** . Rio de Janeiro: Imago, 1989. v.21.

JABLONSKI, B. Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Loyolla, 2003, p. 141-168.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama**, vols 1,2,3. Tradução de Denise Lopes Rodrigues e Márcia Amaral Kafuri. Goiânia: Dimensão, 1994.

MORAES, N. M. **Fica comigo para o café da manhã.** São Paulo: Olho D'água, 1999.

NICOLACI DA COSTA, A. M. Mal-estar da família: descontinuidade e conflito entre sistemas Simbólicos. In: FIGUEIRA, S.A. (org.). **Cultura da Psicanálise.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 176-194.

SELIGMAN, M. **Felicidade autêntica.** São Paulo: Objetiva, 2004.

Recebido: 07/03/2011

Aceito: 30/03/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br